

JOSÉ BONIFÁCIO EM COIMBRA (*).

O Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, desejando prestar merecida e significativa homenagem ao grande brasileiro José Bonifácio de Andrada e Silva, no transcurso do 2.º centenário do seu nascimento, elaborou um criterioso programa, do qual consta um "Ciclo de conferências". Ciente de que eu pretendia passar êste ano uma temporada em Portugal, onde vou para freqüentar com assiduidade alguns arquivos lusitanos, designou-me para proferir a palestra "José Bonifácio em Coimbra", incluída naquele "Ciclo". Aceitei o honroso convite e estou no firme propósito de vasculhar alguns arquivos de além-mar, sobretudo o da Universidade de Coimbra, para colher os elementos absolutamente indispensáveis a fim de poder escrever semelhante trabalho, dado que ainda ninguém se abalçou a fazê-lo. Reconheço a árdua tarefa que me foi imposta, mas confio no precioso acêrvo documental que irei encontrar na Universidade Dionisiana.

A um mês da minha partida para o Velho Mundo e preocupadíssimo com os preparativos da viagem, recebo uma intimação do meu prezado Colega e bom amigo, Dr. Edgard de Cerqueira Falcão: escrever quatro páginas sôbre "José Bonifácio em Coimbra", destinadas a serem lidas na "Rádio", como primeira homenagem da cidade de Santos a um de seus mais ilustres filhos. Poderia esquivar-me a tal honraria, em virtude da situação de pré-embarque em que me encontro, com todos os minutos já contados, mas... Cerqueira Falcão... José Bonifácio... Santos... Coimbra... são merecedores da minha maior consideração e por isso eu não deveria recusar. E aqui estou, com quatro páginas de papel, para abordar, ligeira e superficialmente, o sugestivo tema "José Bonifácio em Coimbra", alicerçado em dados colhidos apenas na minha "Biblioteca Coimbrã".

(*) — Palestra pronunciada na Rádio Atlântica, de Santos, em 21 de maio de 1963 (Nota da Redação).

A permanência de José Bonifácio, em Coimbra, abrange três fases distintas: a do aluno, a do professor e a do militar.

O aluno.

A 30 de outubro de 1783 aparece matriculado na Faculdade de Leis da Universidade de Coimbra, um jovem santista, de 20 anos de idade, chamado José Bonifácio de Andrada e Silva. As credenciais então apresentadas para a sua inscrição naquele estabelecimento do ensino superior consistiam numa sólida preparação das chamadas “ Humanidades”, compreendendo Filosofia, Retórica, línguas vivas, etc., colhidas sob a sábia orientação do 3.º bispo de São Paulo, D. Frei Manuel da Ressurreição.

Naquela época, Coimbra continuava a ser uma cidade pacata, cuja vida estava em estreita relação com a sua Universidade, então em nova e pujante fase de vida, graças às inovações criadas pela Reforma Pombalina, surgida em 1772, e cuja execução dos salutaros e “revolucionários” princípios educacionais nela contidos foi confiada à prestigiosa figura do Reitor Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, natural do Rio de Janeiro e doutor em Cânones por Coimbra. Pelos Estatutos Pombalinos, a Universidade compunha-se de seis Faculdades: Teologia, Cânones, Medicina, Matemática, Filosofia e Leis. A Faculdade de Leis, com seu regulamento particular e privativo, abrangia cinco anos, com oito cadeiras: uma subsidiária, duas elementares, três sintéticas e duas analíticas. A subsidiária — história civil dos povos, e direitos romano e português — era própria do direito civil. As três cadeiras sintéticas eram: duas de direito civil romano e uma de direito pátrio. As analíticas eram ambas de direito civil, romano e pátrio.

A Faculdade de Leis e a de Cânones, visando ao ensino das ciências jurídicas, eram conhecidas como as “Faculdades Jurídicas”.

José Bonifácio freqüentou com regularidade e bom aproveitamento a Faculdade de Leis, tomando o grau de bacharel em 3 de julho de 1787 e o de formatura em 5 de julho do ano seguinte, dando plena satisfação aos desejos de seu Pai, o conceituado coronel Bonifácio José de Andrada. Entretanto, como não se contentasse com o ensino árido e formalista do Direito então ministrado na Universidade e sentindo pendor para as ciências naturais, freqüentou simultaneamente a Faculdade de Filosofia (a sua primeira inscrição de matrícula data

de 12 de outubro de 1784), obtendo o grau de bacharel em 16 de julho de 1787. Em 11 de outubro de 1784 matriculou-se também na Faculdade de Matemática, certamente para familiarizar-se com algumas cadeiras que lhe interessavam ao curso de Filosofia.

O curso filosófico era organizado com as seguintes cadeiras: filosofia racional e moral, história natural, física experimental e química teórica e prática, consideradas como “cadeiras privativas”, distribuídas pelos quatro anos do curso.

As cadeiras da Faculdade de Matemática, com quatro “cadeiras privativas” distribuídas pelos quatro anos do curso, dispunham-se assim e segundo os anos de frequência: — **geometria**, compreendendo aritmética, geometria e trigonometria plana, com aplicação às operações de geodésia e estereometria; **cálculo**, compreendendo álgebra elementar, e cálculo integral e diferencial com aplicação à geometria sublime e transcendente: os alunos neste ano deviam frequentar a física experimental; **foronomia** ou **ciências físico-matemáticas** (mecânica, dinâmica, hidráulica, ótica, etc.): os alunos frequentavam também a química; e **astronomia**.

Logo após a sua formatura em Leis, verificada a 5 de julho de 1788, José Bonifácio deixou Coimbra, transferindo-se, com uma bagagem científica apreciável, para Lisboa, onde iria iniciar nova fase de sua vida.

O professor.

Uma carta-régia de 15 de abril de 1801 designou José Bonifácio para ir criar a cadeira de Metalurgia na Universidade de Coimbra, levando em consideração a sua preparação científica, grandemente aumentada nos principais centros de pesquisas da Europa, durante o decênio 1790-1800. “Se bem que não fôsse êste lugar de gosto e vontade sua”, obedeceu e a 20 de junho de 1802 era-lhe conferido o capelo doutoral na Faculdade de Filosofia, com dispensa de tese e de exame privado.

A cadeira de química e metalurgia, bem como outras (botânica e agricultura, zoologia e mineralogia, física), havia sido criada na Faculdade de Filosofia pela carta-régia de 24 de janeiro de 1791, mas só em princípios do século XIX foi provida, recaindo a escolha em José Bonifácio de Andrada e Silva.

Coimbra, nos primórdios do século XIX, vivia ainda à sombra da sua tradicional Universidade, como outrora se abrigava em volta do Castelo e da Alcáçova. Nas adjacências do seu an-

tigo anel de muralhas continuavam as edificações medievais no quadrante de Sudoeste e o casario que ia da Portagem até Fora de Portas, no extremo da Rua da Sofia. Cêrca de 12.000 habitantes viviam nessa cidade, ainda dividida em duas partes distintas: o Bairro Alto, sede da vida estudantil, onde Mestres e alunos seguiam com interêsse os ecos da Revolução que na França abalava fortemente os alicerces do antigo regime político e social, e a Baixa, verdadeiro entreposto comercial, onde o povo, freqüentador assíduo dos templos religiosos, parecia cada vez mais arraigado às velhas tradições.

Nesse ambiente de paz e de tranqüilidade, José Bonifácio regeu a cadeira de Metalurgia durante seis anos, com saber, proficiência e zêlo, sendo então dispensado do serviço professoral para poder dedicar-se, com mais assiduidade, às funções inerentes ao cargo de Intendente Geral das Minas e Metais do Reino, para o qual havia sido nomeado em 18 de maio de 1801, e às de Superintendente do serviço de obras do Rio Mondego. E assim, a Universidade de Coimbra viu afastar-se de seu corpo docente um de seus mais competentes e promissores ornamentos.

O militar.

Em 1808, quando se estendia por Portugal a revolta contra as violências da ocupação francesa, Coimbra não ficou impassível, e José Bonifácio prestou excelente colaboração, no campo das armas, ao vice-Reitor da Universidade, então desempenhando também as funções de governador civil e militar.

A 2 de janeiro de 1809, o vice-Reitor, Manuel Pais de Aragão Trigoso, recebeu ordem para organizar o "Corpo Acadêmico". 761 alunos se alistaram, trocando a clássica capa e batinha por um uniforme menos incômodo e mais adequêdo, embora de côr negra: "farda forrada de azul claro com vivos da mesma: o seu cabeção e canhão de veludo carmezim; a barretina de sola tinha cordões pendentes, que rematavão com duas borlas de franja de prata, e também uma chapa do mesmo metal, que lhe ornava a maior eminência, com a legenda Voluntário Acadêmico, orlando-a, enfim, uma fita côr de ouro, com as palavras Vencer ou morrer por D. João VI... O correame era amarelo, e a pluma era carmezim, e alta". Estava assim constituído o 1.º Batalhão Acadêmico, cujos integrantes usavam, como insígnia, suspensa uma fita vermelha, uma meda-

lha, em que se liam as palavras “**Pro Fide, pro Patria, pro Rege**”. Mas não foram apenas os estudantes que se alistaram; por parte dos “Lentes, Opositores, Doutores e Professôres” inscreveram-se 150, entre os quais o catedrático José Bonifácio de Andrada e Silva, com o pòsto de sargento, freqüentando “os exercícios com exacção, apresentando-se com farda e espada e oferecendo-se para ir com o exército que irá restaurar Lisboa”. Pela incorporação de 2 de janeiro de 1809, era major do 2.º Batalhão. Em 16 de abril dêsse ano pertencia ao Estado Maior, indo nas expedições do Vouga e do Pôrto com a patente de tenente-coronel; a 4 de agòsto, o Comandante em chefe deu autorização a que se retirasse, “fazendo público ao exército a grande aprovação que merecerão os seus bons serviços, como o da sua corporação, tão digna de louvor”. Em 1810-1811 voltou à ativa, sendo tenente-coronel comandante do Corpo de Voluntários Acadêmicos.

O 1.º Batalhão Acadêmico, ao qual José Bonifácio prestou relevantes serviços, foi dissolvido por Alvará de 15 de abril de 1811.

José Bonifácio, embora professor da Universidade, não negou a sua preciosa colaboração à defesa da pátria portuguesa, servindo-a, como militar, em campos de batalha.

Eis, Senhoras e Senhores, em traços ligeiros, cabíveis no acanhado espaço, de quatro laudas de papel, como me foi imposto por Edgard de Cerqueira Falcão, “José Bonifácio em Coimbra”, visto sob um tríplice prisma: o aluno, o professor e o militar.

O estudo circunstanciado da sua permanência nos “saudosos campos do Mondego” será por mim apresentado no meu regresso de Portugal, após cuidadosa pesquisa nos arquivos lusitanos. Apresentei-vos hoje apenas o esquema, como modesta homenagem a êsse grande santista, que tanto dignificou o seu torrão natal, inscrevendo a letras de ouro o seu nome na “História da Universidade de Coimbra”.

DIVALDO GASPAR FREITAS
do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.